

THE NORTON ANTHOLOGY OF THEORY AND CRITICISM (SEGUNDA EDIÇÃO)

Tauan Fernandes TINTI*

LEITCH, V. B. et al. **The Norton anthology of theory and criticism**. 2.ed. New York: W.W. Norton and Company, 2010.

A existência da Teoria, despida de sua determinação usual – a de ser uma teoria **literária** –, certamente não é novidade, ao menos nos Estados Unidos, seu local de origem: trata-se de um fenômeno incontornável, e sua consolidação hegemônica é alvo de críticas de amplo espectro. Várias delas estão concentradas, com graus variados de pertinência, em *Theory's empire: an anthology of dissent* (PATAL, CORRAL, 2005), um livro discutido por Fabio Durão (2008) em um dos poucos textos em contexto brasileiro que tratam diretamente desse fenômeno: vista a partir da magnitude de sua recusa – o volume tem 725 páginas e conta com autores como René Wellek, Todorov e Merchior –, a Teoria dá mostras de sua força, e, pode-se perceber que a insatisfação decorrente da série de argumentos contrários assinala que sua rejeição absoluta é improdutiva e ingênua. Uma das objeções é a de que sua ênfase crescente nas margens e minorias coloca suas tecnologias interpretativas – um misto de estruturalismo, pós-estruturalismo, marxismo, psicanálise, feminismo, desconstrução, estudos culturais, *reader response theory*, *new historicism*, *queer theory*, e quaisquer outras teorias que componham a Teoria – a serviço do cumprimento de uma agenda de reivindicações essencialmente políticas, e não teóricas – ou mesmo que a passagem para a esfera teórica neutraliza a pungência dessas reivindicações. Outro argumento seria sobre o obscurantismo resultante de seu caráter transdisciplinar, que exclui os não-iniciados em seu léxico, composto de termos retirados de lugares distantes como a filosofia, a matemática, as ciências sociais, a biologia ou até mesmo a crítica literária, e em sua sintaxe, frequentemente digressiva, auto-referencial e labiríntica, ignorando a estrutura argumentativa tradicional, com hipótese, verificação e conclusão, o que cria um efeito de complexidade que é em certos casos um fim em si mesmo. E provavelmente a crítica mais pertinente, não contida nesse livro, é a de que o crescimento desenfreado dessas tecnologias interpretativas pode resultar na obliteração de seus objetos, que passam a perder sua singularidade ao serem transformados em um palco para

* Mestrando em Teoria Literária. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Teoria Literária. Campinas – SP – Brasil. 13083-859 – tauantinti@gmail.com - Bolsista FAPESP.

a demonstração do virtuosismo do teórico – ou de suas teses preliminares, que independem do contato com a materialidade desses mesmos objetos.

Por sua vez, o mero contato com as 2758 páginas da *Norton anthology of theory and criticism*, considerada como um marco da canonização da Teoria, atesta o vigor inegável de sua complexidade. O volume em questão é, na verdade, uma segunda edição da mesma antologia, publicada originalmente em 2001; ainda que o intervalo entre as edições seja relativamente curto, há uma série de mudanças dignas de nota na composição da presente edição. Isto pode ser encarado como um indício da necessidade intrínseca da Teoria de reformulações constantes, resultando na rápida obsolescência de determinados textos, que precisam ser substituídos por outros de posições teóricas mais atualizadas. O texto introdutório (p.1-33), por outro lado, permaneceu praticamente intocado, o que acrescenta uma nota levemente contraditória a certas alterações na escolha dos autores que dão corpo à antologia: diversos autores medievais, da Antiguidade e do Renascimento que constavam na primeira edição e foram excluídos da segunda ainda figuram na introdução, surgindo como pontos de sedimentação de teorias clássicas cuja importância é simultaneamente afirmada – por serem citados nominalmente – e negada – por sua exclusão subsequente; é esse o caso de autores como Quintiliano, Plotino, Macróbio, Hugo de São Vítor e Pierre de Ronsard. Essa pequena contradição é mais um dos indícios da tendência dominante da antologia, que permanece claramente concentrada em autores modernos, especialmente da segunda metade do século XX em diante: a *Norton anthology* de 2001 dedicava 1067 páginas – aproximadamente dois quintos do total – a autores desse período (de Barthes em diante), ao passo que a nova edição lhes dedica 1337 páginas, algo em torno de metade do volume. O número de autores permanece quase o mesmo – 148 na primeira edição, 149 na segunda –, mas sua distribuição tornou-se ainda mais irregular: o autor mais “antigo” adicionado à antologia é Auerbach, dentre os 20 novos, e apenas seis autores desse período foram excluídos, ficando os outros 13 espalhados pelo restante do volume.

Um argumento possível em favor dessa ênfase crescente na contemporaneidade vem da própria natureza da Teoria: Jameson – cujo lugar na antologia não se alterou – localiza seu surgimento a partir da década de 1960, associando a centralidade que a linguagem tem na Teoria à expansão contraditória do capitalismo (DURÃO, 2004, p.81-82). Sendo esse um fenômeno recente, a predominância de textos também recentes surge como uma decorrência lógica natural. Contudo, essa justificativa, ao localizar historicamente a Teoria, produz certa ambiguidade com relação a todos os textos anteriores: a *Norton* não é propriamente uma antologia de Teoria – apesar de quase sê-lo –, pois desse modo tais textos seriam desnecessários ou contrários à organização do volume. Melhor seria tomar essa primeira metade do volume como sendo composta por textos de base da Teoria – ou talvez de seus precursores. E, vista por esse prisma, a relação entre as duas partes da antologia passa a ser marcada,

para fazer uso de um termo caro a Freud – que também consta na antologia –, pela ambivalência.

Essa ambivalência transparece explicitamente por meio das notas que antecedem os textos antologizados. E a própria existência dessas notas é às vezes desconcertante: cada autor surge acompanhado de uma introdução que busca situá-lo com relação aos outros autores, bem como abordar de forma sucinta os conceitos centrais por ele produzidos e mobilizados; além dessa introdução, há também uma pequena bibliografia introdutória sobre o mesmo autor – seria secundária ou terciária, é o questionamento de Durão (2008) –, o que intensifica a perda da preponderância do literário na teoria, pois o comentário é dedicado ao teórico, o texto literário ficando cada vez mais distante, e a Teoria, mais intransitiva. A qualidade e a agudeza das notas são inegáveis, sendo certamente merecedoras do elogio de Jonathan Culler na quarta capa do livro; porém, isso não impede que elas apresentem um tom extremamente desigual ao tratar de autores pertencentes a escolas críticas favoráveis ou contrárias à orientação geral do volume. No caso destas últimas, o provável exemplo maior pode ser retirado da introdução aos textos de Cleanth Brooks, um dos expoentes do *New criticism*: após uma breve exposição dos princípios constitutivos dessa escola, especialmente da leitura cerrada, os editores passam a elencar algumas das principais objeções aos novos críticos, sendo estas melhor sintetizadas nos argumentos de que a abordagem de Brooks resulta em um “[...] estreitamento do campo da crítica literária e da pedagogia ao deixar de lado os contextos histórico e biográfico”, bem como em uma “fetichização da forma” da obra de arte (LEITCH, 2010, p.1215). A partir dessa única nota, poder-se-ia inferir sua estrutura geral, adequada à contextualização dos autores nas tradições das quais fazem parte, bem como das críticas que receberam de autores posteriores. Contudo, não é isso o que ocorre em muitas das notas posteriores – tome-se ao acaso a nota ao texto de Donna Haraway (2010), *A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology and Socialist Feminism in the 1980s*, que está em consonância com as inclinações teóricas do volume: nela, temos novamente a exposição dos pressupostos e algo das críticas dirigidas à autora; porém, concluídas essas duas fases da introdução, surge uma terceira, com a refutação das críticas que resulta em uma exaltação de Haraway em detrimento de autores como Cleanth Brooks, por meio de argumentos como “mas seu entusiasmo é geralmente condicionado por discussões judiciosas sobre os vários impactos das tecnociências moderna e pós-moderna em nossas vidas” (LEITCH, 2010 p.2188). A última palavra para Haraway não é de crítica, mas de defesa, o que está de acordo com o que é teorizado por Vincent B. Leitch, editor geral da *Norton anthology*, em *Living with theory* (2008): despidido da aparência de imparcialidade, Leitch pode declarar repetidas vezes que a visão que o *New criticism* tem da literatura e da arte é por demais estreita, sendo um formalismo estéril e improdutivo (LEITCH, 2008), ao passo que autores como Haraway

estariam situados no Renascimento da Teoria, ao abraçarem visões mais amplas de literatura e de cultura e deixarem o formalismo de lado (LEITCH, 2008). A desigualdade na quantidade de páginas dedicadas a períodos distintos, portanto, é apenas o índice mais claro da relação conflituosa da antologia com os autores que divergem de sua orientação teórica fundamental, isto é, de afirmação da Teoria.

Resta ainda um último comentário sobre a organização da antologia: seria desnecessário percorrer a longa lista de autores importantes deixados de fora – é particularmente notável que não haja nenhum texto escrito originalmente em língua espanhola (sem que se mencione, em menor escala, a ausência de Antonio Candido, por exemplo) –, para que se note o anglocentrismo evidente do volume. O prefácio à edição de 2010 declara a tentativa dos organizadores de expandir os horizontes da *Norton*, tornando-a menos europeizada e anglocêntrica ao incluir autores das tradições indiana (Narasimhaiah), árabe (Adūnīs), chinesa (Zehou Li) e japonesa (Karatani Kōjin), que se somam a autores como Chinua Achebe; o resultado, contudo, é questionável, já que, assim como se dá na divisão entre precursores e contemporâneos, a predominância absoluta destes é acentuada pelo verniz de inclusão de outras tradições culturais. E esse raciocínio poderia ser extrapolado como forma de encarar a própria Teoria, o que não deixa de ser adequado em um comentário sobre a *Norton anthology*: uma de suas forças inegáveis é a capacidade que tem de produzir objetos inauditos através da mobilização de saberes teóricos de áreas extremamente diversificadas. A perspectiva de tomar um de seus pontos de consolidação como objeto para fazer uso de seus próprios procedimentos interpretativos surge, desse modo, como um gesto de auto-reflexividade e autocrítica frequentemente ausente na Teoria, que sem isso segue despercebida de suas fissuras.

Referências

DURÃO, F. A. Giros em falso no debate da teoria. **Alea - Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v.10, p.54-69, 2008.

_____. Breves observações sobre a teoria, suas contradições e o Brasil. **Revista de Letras UNESP**, São Paulo, n.44, p.81-95, 2004.

HARAWAY, D. **A manifesto for cyborgs**: science, technology and socialista feminism in the 1980's. New York: W.W. Norton and Company, 2010.

LEITCH, V. B. **Living with theory**. Malden: Blackwell Publishing, 2008.

PATAL, D.; CORRAL, W. H. **Theory's empire**: an anthology of dissent. New York: Columbia University Press, 2005.

